

A EPIFANIA DO ROSTO ENQUANTO ALTERIDADE E ABERTURA PARA O INFINITO EM EMMANUEL LEVINAS (EL)

Gualter Filipe João Pascoal¹

Antônio Joaquim Pinto²

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a ética da alteridade em Emmanuel Levinas (EL)³, chamada também de ética do Rosto, do cuidado pelo outro, da responsabilidade, do encontro face- a- face (em latim a preposição “*coram*” = diante de). O Mesmo se opõe ao Outro, como Ulisses a Abraão, Atenas a Jerusalém, a filosofia ocidental montada sobre a ideia do SER, x a sabedoria judaica, ou ética dos profetas. O outro tem o primado, a primazia, a prioridade, sobre ele. Ele é mais que eu. O outro em EL é o quaternário bíblico: O pobre, a viúva, o órfão e o estrangeiro (aos quais podemos acrescentar outras categorias atuais, como veremos mais adiante). Em sua ética, filosofia primeira ou metafísica, EL busca superar as políticas do Mesmo: egoísmo, guerra, racismo, xenofobia, sexismo, fazendo valer a justiça, fundamento do universo.

Palavras-chave: Epifania do Rosto. Ética da Alteridade. Infinito.

¹ Graduando em Filosofia na FAE Centro Universitário. *E-mail*: gualter.pascoal@mail.fae.edu

² Orientador da Pesquisa. Doutor, Mestre e Graduado em Filosofia. Coordenador do Curso de Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) e Professor na FAE Centro Universitário. *E-mail*: antonio.pinto@bomjesus.br

³ **EL**: De agora em diante usaremos esta sigla para nomear Emmanuel Levinas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo de apresentar o conceito levinasiano sobre alteridade, possibilitando também analisar alguns conceitos pertencentes ao pensamento de Emmanuel Levinas, como Infinito mediante o paradigma do Rosto.

No presente trabalho buscamos responder às seguintes perguntas: O que EL entende por ética da alteridade? Como se dá a Epifania do Rosto segundo o nosso autor? Como hipótese supomos que para EL a ética do Rosto do Outro é filosofia primeira ou Metafísica e que o infinito é o outro. A filosofia levinasiana é um campo vasto que pode ser vislumbrado de diversos modos; no entanto, esta pesquisa traz como objetivo tratar acerca dos conceitos de ética da Alteridade e Infinito no pensamento do filósofo francês; conceitos estes que são capazes de projetar luz sobre sua caminhada filosófica. Faremos também a demonstração da relação entre Rosto e Infinito; explorar a correspondência entre Rosto e ética.

O presente trabalho constitui-se em Artigo Científico fundado em pesquisas biográficas do autor em questão na sua principal obra *Totalidade e Infinito*, por ser a tese doutoral do autor. Desta obra destacamos o capítulo III, intitulado: O Rosto e a Exterioridade.

O presente artigo propõe o esclarecimento sobre os conceitos supracitados na realidade humana bem como outros termos a ele relacionados, caracterizando assim a ética levinasiana. Para isso, utilizamos os seus comentadores e outros estudiosos da mesma linhagem.

Na busca do sentido de seu ser, o ser humano volta-se para a sua interioridade, fruindo e apropriando-se do mesmo de si. Nesse movimento de busca pelo sentido de si Mesmo o Outro é ignorado na sua alteridade, como que colocado em suspensão. A alteridade, portanto, tem de ser mostrada a partir da relação entre o mesmo e o Outro. Somente nesse encontro o Outro se apresenta ao Mesmo exatamente como Outro, transcendente. Evidencia-se, assim, que a busca por fruir e apropriar-se da interioridade do Mesmo ainda não é pensamento. Reiterando: o que se constrói independentemente da relação com o Outro, sem o embate com a exterioridade ou sem a relação ou encontro com outro, a relação encontro do finito com o Infinito.

1 CONHECENDO EL (1906-1995): ABRAÃO X ULISSES

A vida de Emmanuel Lévinas parece com a do proto-pai Abraão, que deixou sua pátria, para nunca mais voltar. Ao contrário de Ulisses que deixa sua pátria em Ítaca, na Grécia para lutar em Tróia e depois voltou. Ulisses representa o Mesmo e Abraão representa o Outro. Em 1939 esteve no campo de trabalhos forçados de Stammlager, por ser judeu. Mas por ser oficial do exército francês, não foi levado para o campo de extermínio como outros judeus e quase toda a sua família. Ali ele teve condições de escrever suas obras filosóficas, num ambiente de relativa solitude (COSTA, 2000, p. 39).

Vale a pena destacar que o filósofo lituano falava russo, sua língua materna, além do alemão, francês e hebraico. Por isso lia os autores russos clássicos, sobretudo Dostoievski (1995). Foi esse autor russo quem escreveu a famosa frase, que marcou toda a ética de EL: “Cada um de nós é responsável por tudo e por todos”. Esta é a ética da responsabilidade, da alteridade, do cuidado, do Rosto, no contato face-a-face.

EL foi aluno: primeiro de E. Husserl em Estrasburgo, na França; depois, foi aluno de Martin Heidegger em Friburgo na Alemanha. Em 1933, quando Hitler subiu ao poder, nomeou Heidegger como reitor da Universidade em Friburgo. EL ficou profundamente desiludido com seu antigo mestre, por ter aceitado contribuir com o regime nazista, opressor do seu povo judeu.

Suspeitou, então, que haveria algo errado na própria filosofia do seu mestre, a filosofia do SER ou ontologia. Começa então um distanciamento afetivo, intelectual e filosófico com relação ao mestre. À luz da sabedoria judaica, EL corrige a filosofia do ser com a ideia do BEM. Há uma ultrapassagem do bem sobre o ser. O BEM é o Outro, o próximo, o primeiro que se aproxima de mim. À ontologia de Heidegger, ELE opõe a santidade do outro, do próximo e de Deus: Desigual, inapropriável, incompreensível (SUSIN, 1984)⁴.

1.1 INFLUÊNCIAS RECEBIDAS

EL sofreu várias influências. Destacamos a Revolução de Maio de 1968 em Paris, da qual ele teria participado. A juventude revolucionária de então prometia mudar o mundo. Infelizmente, os jovens universitários que ali se mostravam contestadores, sucumbiram vítimas dos encantos e atrativos do sistema capitalista que tentaram em

⁴ SUSIN, L. C. **O homem messiânico**: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1984 (abreviado HM). Esta foi a primeira tese doutoral de um brasileiro sobre EL, defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, *summa cum laude*.

vão combater. Muitos que na época eram “hippies”, tornaram-se depois empresários bem-sucedidos em multinacionais. EL descreve seu desencanto com o movimento e com a situação vigente então, quando diz:

Predominava a recusa de uma humanidade que se definisse pela sua satisfação, pelos seus lucros, e não... por sua dívida para com o outro. Para além do capitalismo e da exploração, contestavam-se suas condições: a pessoa compreendida como acumulação em ser pelos méritos, pelos títulos, pela competência profissional – tumefação ontológica apesar sobre os outros até esmagá-los, a instituir uma sociedade hierarquizada, a se manter além das necessidades de consumo e que já sopro religioso algum conseguia torná-la igualitária. Por trás do capital do ter, pesava um capital em ser. (LEVINAS, 2012, p. 107)

Nestas palavras parecemos ouvir uma radiografia da sociedade, cultura e religião atuais, ainda mais exacerbadas que em 1968. EL foi atraído também pela filosofia marxista⁵, que é uma forma de existencialismo. Marx, filósofo judeu como EL, também foi influenciado pela moral dos profetas, com ênfase na justiça e no messianismo: Ser messias para o outro. A filosofia marxista dominou após II Guerra Mundial e destruiu o idealismo hegeliano: A união de estado e religião (luteranismo). Infelizmente o marxismo gerou o stalinismo.

A Guerra Fria, (substituta da guerra quente) dividiu a humanidade em URSS e OTAN, socialismo e capitalismo, cada um com sua proposta de resolver os problemas do mundo. Além disso, dividiu o mundo em centro e periferia. O centro era o Atlântico Norte, rico e opressor. A periferia do mundo estava no Atlântico Sul, formada por países pobres e oprimidos (África, América Central e do Sul, países árabes etc.). Era na periferia que se travavam as guerras de poder militar, político e econômico (Cuba, Nicarágua, El Salvador).

A devastação da terra, nossa casa comum, a grande outra, era uma consequência inevitável, ainda que a consciência ecológica não tivesse a urgência que adquiriu nas décadas seguintes (Rio 1992). A corrida armamentista levou o mundo à beira da guerra nuclear. Hoje, mais do que uma possibilidade, é já uma ameaça, capaz de provocar um apocalipse inimaginável.

Não por último, é preciso mencionar a influência indelével que EL recebeu da sabedoria judaica. Especialmente do Talmud (do verbo hebraico “*lamad*” = ensinar).

⁵ Comentando o marxismo de Ernst Bloch, - também ele judeu, - escreve EL: “Um acesso autêntico à miséria do homem... Desconcertar todas as relações em que o homem fica humilhado, subjugado, desclassificado e desprezado... O marxismo abandona o céu para falar a linguagem da terra... O espetáculo da miséria e da frustração do próximo, do seu aviltamento sob um regime de exploração econômica e o discurso rigorosamente ético que ele gera... determina o seu despertar” (LEVINAS, 2008b, p. 58).

Existem dois Talmud: O de Jerusalém e o da Babilônia, este posterior e com maior extensão. EL escreveu comentários ao Talmud⁶, corrigindo a ontologia com o primado da ética da responsabilidade, chamada por ele de filosofia primeira. O outro é anterior e superior a mim. O outro vem do infinito.

Talmud é a tradição oral de Israel, compilada pelos doutores chamados de “Tanaim” (do verbo aramaico “*teni*” = transmitir oralmente) e “*Amoraim*” (do verbo hebraico “*amar*” = falar, interpretar). O Talmud ensina não só leis culturais, mas comportamento ético. Sobretudo o cuidado e proteção aos mais desfavorecidos, o chamado quaternário bíblico, que abordaremos mais adiante.

Para EL, os profetas bíblicos são anteriores aos filósofos pré-socráticos. Significa que a busca da justiça que eles pregaram, deve ultrapassar a ontologia grega, - descompromissada com o outro, - tornado invisível, neutro, abstrato, por isso passível de ser escravizado, dominado, reduzido ao Mesmo, violado em sua alteridade.

Não é fácil entender EL. Ao contrário de Descartes, que propõe pensamentos claros, luminosos e inteligíveis, EL parece nos introduzir numa nuvem escura do não saber. O leitor sente-se perdido, pois o autor não faz nenhum esforço para ser compreendido. Ele embola o meio de campo. Ele faz isso de propósito, para mostrar o absurdo a que chegou à filosofia ocidental, montada sobre a ideia do SER, desde os pré-socráticos até Heidegger, na filosofia, na literatura, no teatro etc.

Ora, o SER é uma prisão, uma totalidade filosófica, que leva ao totalitarismo político. Quando seu ídolo Heidegger apoiou o nazismo, como dissemos anteriormente, EL se distancia da filosofia do SER, corrigindo-a com a sabedoria judaica na ideia do Bem, e com o Platão tardio: “o-bem-para-além-do-ser”, que é a epifania do Rosto do outro: Um ente concreto, existente, e não uma abstração. Assim, EL opõe a ontologia ocidental à ética do encontro face-a-face.

2 O PENSAMENTO LEVINASIANO: JERUSALÉM X ATENAS

EL foi aluno de Heidegger, que usa a expressão “ser-no-mundo” (“*in-der-Welt-sein*”), ser jogado (“*Geworfenheit*” e destinado à morte (“*zum-Tode-sein*”) como temas centrais em sua ontologia. Lévinas introduz o reino do Bem em sua ética. Da tragédia

⁶ LEVINAS, E. **Quatro leituras talmúdicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003. Foram proferidas no Colóquio de Intelectuais Judeus, entre 1963 e 1965. EL considera o Talmud “uma fonte eminente de experiências das quais se alimentam os filósofos” (LEVINAS, 2003, p. 175). Busca um diálogo entre Atenas e Jerusalém. EL escreveu também *Cinco Lições Talmúdicas*. Nelas a busca da justiça nas relações humanas é o que mantém o universo. Sem justiça, desfaz-se a máquina do universo inteira, como afirmam-se 35 vezes nos Salmos.

da existência ao drama do existente. Para ele, a ética é mais antiga do que a ontologia. Tragédia e drama são metáforas tiradas das artes cênicas.

Tragédia da existência no ser e drama da existência com o Outro e para o Outro. A interrupção da tragédia do ser pelo drama da ética faz surgir a metafísica do “Bem-para-além-do-ser”, que é a epifania do Rosto do Outro (SA 1, 41). A metafísica é o lugar da intriga da antropologia e da teologia. Separa a existência do existente, o ente do ser.

Os escritos filosóficos levinasianos dialogam com a sabedoria ética dos talmudistas, como dito acima. A tradição bíblico-talmúdica (rabínica) ensina a vocação ética pré-original. A Torá, caminho para Deus, desce do Sinai em forma de pedras, como mandamento a amar o próximo. EL chega ao ponto de transpor o Quinto Mandamento no lugar do Primeiro: “Não Matarás”. Negar comida ao próximo é uma forma de assassinato.

A filosofia ocidental, ao contrário, foi pautada pelos paradigmas da felicidade e da liberdade do mesmo, do eu. O modelo é Esaú, buscando a própria satisfação, ao contrário de Abraão, que intercede pelo outro, pela cidade, para que não seja destruída. O humanismo ocidental da busca do conforto e bem-estar pessoais entrou em crise. Lévinas substitui por outro paradigma: o do homem responsável por outro homem.

No Talmud a felicidade e dignidade humanas estão vinculadas à responsabilidade ou obediência à lei do outro. Inversão de paradigmas. O método exegético talmúdico de Lévinas tem relação com a filosofia existencialista da década de 1940. Categoria central: eleição, manifestada no sofrimento e separada do poder e sucesso. Abre a perspectiva ética da antropologia do homem a serviço do outro.

A reconstrução da identidade judaica está em voltar ao Talmud, fonte inspiradora do judaísmo ético. O texto hebraico manteve a identidade judaica na diáspora. Mantem seu poder de ensinamento. Mas é preciso estudar o texto bíblico, para entendê-lo, pois tem caráter ético e prescritivo. Lévinas aprendeu hebraico desde os seis anos de idade, em sua cidade natal de Kaunas, núcleo de maior concentração de judeus em toda a Lituânia.

A Palavra de Deus não pode ser escutada senão como estudo. Exige mestres. Ela libera à ação moral. Já a leitura alegorizante da Bíblia sabotou seu sentido ético e afastou da perspectiva original rabínico-talmúdica do texto. Esquecer os estudos hebraicos rompe o contato secular do judaísmo com a moral profética. Perdeu-se o que o texto tem a ensinar. Virou um poema traduzido. Daí a necessidade de voltar às fontes.

2.1 CRÍTICA AO PENSAMENTO OCIDENTAL

Como acenamos acima, EL critica a ontologia de Aristóteles e Heidegger por ser abstrata e que leva ao esquecimento do Outro. A totalidade filosófica leva ao totalitarismo político, como vimos na ascensão do nazismo no mundo inteiro, gerando vítimas, desigualdade social e discriminação racial. EL busca uma saída do SER, que contaminou a filosofia ocidental. A ciência abandonou a ética (bomba atômica, políticas belicistas). Houve o esquecimento do Rosto do Outro pela sociedade, e o primado do Mesmo, do eu. Surgiu a atual cultura narcisista, do selfie, das aparências, do amor líquido, do descartável (CARRARA, 2010, p. 9).

EL propõe um novo paradigma filosófico, não baseado numa ciência, mas numa sabedoria. Rompe com a ética, a teologia, e a filosofia do ocidente. Ele propõe a felicidade do Outro, o primado do Outro, conforme a moral dos profetas. A ética como sacrifício pelo Outro, ao invés da busca da felicidade egoísta. Eu devo ser Messias para o Outro: sofrer por tudo, por nada, por Deus. Ética do Rosto: o Outro como traço, vestígio e sinal do infinito.

EL critica a filosofia ocidental, que reduz a pessoa a neutralidade, elimina a alteridade, e produz vítimas. Para EL, no “*dasein*” de Heidegger, só vale o “da” e não o “sein”. Pois o ente se perde no anonimato do “*il-y-a*” (“há”) impessoal - base para morte de Deus e do homem. É sinônimo de neutro = insônia = barulho = murmúrio = ruído = rumor = bagunça = ser sem ente = espessamento = densificação = peso = opacidade = brutalidade = excesso do ser sem existente (SP. 41).

A ontologia ocidental constrói a realidade sem o ser humano, valorizando mais as estruturas que o existente concreto, numa evasão do ser. A pessoa humana individual é apenas um exemplo do gênero, e não da espécie. Assim no gênero humano estão contidos todos os indivíduos, mas se sacrifica a alteridade e a diversidade, que enriquecem o encontro face-a-face com o Rosto do Outro. EL propõe sair da insônia Heideggeriana pela proximidade do outro. Substituição do Ser pelo Outro.

EL se distancia de todo sistema totalizante, que chama de “ontologia do poder”, com sua lógica sacrificial e excludente, que elimina diferenças, gera violência do Eu e dos Outros: a família, igreja, universidade, escola, o exército e o estado. EL não leva em conta os verdugos, mas as vítimas do sistema totalizante. Primeiro o quaternário bíblico, ao qual se podem agregar outras vítimas atuais: desempregados, sem terra, sem teto, migrantes, pessoas (pobres, estrangeiros, negros, etc.) e não os verdugos.

EL propõe superar a lógica da reciprocidade violenta, preferindo morrer, como os mártires a revidar a violência. Esta é a obra da paciência, da substituição: “Sofrer

por tudo, por nada, por Deus” (HM 370). São muitas as vítimas da exclusão por motivo: sociais, étnicos, políticos, religiosos e sexuais. EL acusou inúmeras vezes a filosofia moderna, e, de um modo mais geral - toda história da filosofia, de ter abandonado o recurso a transcendência e de ter perdido a dimensão original da ética. Afirma Haddock Lobo: “Se toda a história ocidental foi uma destruição da transcendência, é porque toda filosofia permaneceu cegamente submetida a ideia de totalidade” (LOBO, 2006, p. 24).

No livro *Compreender Levinas* escrito por Hutchens, aparece de forma sintética toda a crítica de EL à filosofia ocidental, quando diz: “O totalitarismo político repousa sobre um totalitarismo ontológico” (CARRARA, 2010, p. 11).

Nesse contexto, que reverbera atualmente, é que EL busca dar um sentido novo para a valorização ética do humano. Em meio à negação do outro, EL constrói uma reflexão crítica da ontologia oferecendo uma superioridade da ética sobre o Ser. A consolidação do pensamento de EL se dá na crítica ao pensamento Ocidental que ele denomina como organizado em uma “egologia”, um retorno no Ser, do próprio Ser em-si-mesmo.

2.2 EPIFANIA DO ROSTO DO OUTRO

Afirma EL em sua tese doutoral, *Totalidade e Infinito* (abreviado TI)⁸:

“A epifania do Rosto é ética... epifania do infinito... que apresenta-se como Rosto na resistência ética que paralisa os meus poderes, e se levanta duro e absoluto do fundo dos olhos, sem defesa na sua nudez e na sua miséria” (TI 194). O Outro se apresenta a mim como Rosto (TI 21). EL usa o termo francês “*visage*”, que pode ser traduzido também por olhar, face, semblante. Preferimos usar aqui “Rosto”, por ser o termo usado em TI. Em EL o termo tem inspiração bíblica: “Mostra-me teu Rosto” (Cântico dos Cânticos 2, 14).

“O Rosto fala e convida-me a uma relação. O Rosto é o infinito da transcendência do outro” (TI 193). Por isso é impossível assassiná-lo. Mas seria assassinato “deixar homens sem comida” (TI 195). Repetimos: Quinto Mandamento: “Não matarás! “O Rosto é a epifania do que se pode apresentar diretamente a um eu e por isso ao mesmo tempo exteriormente” (citado em HM 201). Não é fenômeno, mas está além e acima (“epi”). Ultrapassa a fenomenologia. Rosto: Não é a boca, nariz, lábios, músculos faciais. Diante do Rosto estou face-a-face. “*Coram*” = “Diante de”.

⁷ Esta frase está na obra levinasiana chamada: *Difficile Liberté*, publicada em Paris em 1976.

⁸ LÉVINAS, E. **Totalidade e infinito**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2008 (abreviado TI).

O Rosto exige de mim acolhimento porque o outro, o pobre, não é deste mundo da posse e do poder. O outro entra no meu mundo como hóspede, sem avisar, como uma irrupção. Ele me olha no Rosto não só a partir de sua miséria, mas sobretudo de sua altura e dignidade (“epi”).

O Rosto, conforme EL, irradia brilho e luz transcendentais. Ao contrário do olho petrificado de um cadáver, que é opaco, apenas matéria a ser devolvida à terra (fósforo, nitrogênio e potássio). Também os deuses pagãos são cegos como o destino (TI 113; 166).

O Rosto do Outro, vindo do além, de fora e de cima de mim (“epi”- “fania”), rompe a minha solidão, a prisão ao ser, excesso de ser, dificuldade de ser, encerrado como numa bolha ou numa “mônada”, que não tem portas nem janelas (Leibniz). Elas não se comunicam. Por isso o Outro vem do infinito. Ninguém é bom sozinho.

2.3 QUEM É O OUTRO: O QUATERNÁRIO BÍBLICO

O Outro não é o Mesmo. Não é igual a mim, mas superior e anterior a mim (“epi”). EL usa o quaternário bíblico como modelo de alteridade: O outro é o pobre, a viúva, o órfão e o estrangeiro. Comovente e realista a descrição que o Doutor Frei Susin faz do Outro, assim com aceno bíblico:

O pobre não tem alimento: nem pão, nem música, nem roupas; nem títulos, nem função social, nem habitação... Ameaçado de morte na própria corporeidade. Seu corpo nu está entregue ao frio e à fome. A interioridade está votada à vergonha. O órfão, sem o amor paterno. A viúva, sem poder oferecer sua intimidade a alguém. Seu ventre infecundo e estéril. O estrangeiro, sem uma paisagem familiar, errante num mundo que não é seu... Todos eles solitários, sem história, sem recursos, sem bondade no ser. (SUSIN, 1984, p. 201)

Além deste quaternário bíblico, Susin acrescenta o Outro como sendo: Os doentes, os analfabetos, os sem cultura e sem titulações superiores, os perseguidos e os prisioneiros, os que não se moldam conforme padrões de beleza da moda. A consciência moral também nos obriga a reconhecer sua dignidade.

No atual modelo neoliberal dominante, o outro assim entendido é invisível, incômodo até. Mas a ética da alteridade nos obriga a ver sua miséria, que clama por justiça, e responsabilizar-me por ele. O outro não é menor do que eu, mas superior, tem uma dignidade que me supera.

A Epifania do Rosto supõe a relação face-face com ele, como dito acima. O Rosto do Outro me faz responsável, solidário com o sofrimento, dele como se fosse meu próprio sofrimento, ainda que eu não tenha causado sua dor. Eis algumas expressões de

responsabilidade e cuidado pelo Outro, quando lhe pergunto: Posso lhe ajudar? Ou você está bem? Ou o que foi que houve? Ou quem lhe fez isso?” (HUTCHENS, 2007, p. 42).

Fazendo isso somos responsáveis também pelos que cometem crime de genocídio em substituição à culpa do Outro. EL cita aqui o autor russo Dostoievski, cujo as obras Levinas conhecia desde a juventude, quando diz: “Somos todos culpados (= responsáveis por tudo e por todos os seres humanos, e eu mais do que os outros” (HUTCHENS, 2007, p. 44).

2.4 ÉTICA DA ALTERIDADE

A ética da alteridade é a consciência moral que nos ensina a reconhecer no Outro, - mais do que sua miséria - a sua dignidade e superioridade com relação a mim (“epi”). Não tem nada a ver com esmola, caridade, filantropia ou intenções piedosas, que negariam tal alteridade. Tem a ver com justiça. Sem ela, a máquina do universo se desfaz, como afirmam os Salmos, cerca de 35 vezes. A ética se fundamenta na justiça.

Ética da Alteridade é o encontro e a relação do eu com o Outro, feitos de proximidade e transcendência. A bondade do Rosto do Outro introduz no Mesmo (= eu) a felicidade, a responsabilidade e o cuidado por ele. O eu deixa de ser eu para ser “um-para-o-outro”. Neste movimento se dá a Epifania de Deus. Como diz muito bem Nilo Ribeiro:

A palavra ‘Deus’ só faz sentido no encontro do eu com o Rosto do Outro. Assim, ética e mística se confundem, como nos profetas bíblicos, para os quais ética é a preocupação com o sofrimento do Outro, livrando-o do assassinato e da violência. (RIBEIRO, 2005, p. 272)

O que o autor quer dizer é que Deus me vê no Rosto do Outro, no qual também se reflete o infinito. Resumindo: Para EL a ética é mais do que a filosofia. Enquanto a filosofia é amor a sabedoria, a ética - lida da direita para a esquerda - é a sabedoria do amor, isto é, metafísica ou filosofia primeira ou ética da alteridade ou ética do rosto. Ele usa como sinônimos: ética da alteridade, ética do rosto, ética do outro homem, ética do acolhimento e do cuidado pelo Outro. É no encontro do mesmo com o outro que se realiza a ética. Mas é um encontro assimétrico e não como o encontro eu-tu de Martin Buber. Para EL, o primado, a primazia, a prioridade, é do outro. Ele é mais do que eu. Ele me ultrapassa. O outro vem do infinito.

Para EL o infinito é o Outro: aparição, presença, Rosto. O Rosto é traço e vestígio de Deus e do Bem que passa. Diante do Rosto, o homem satisfeito e independente é convocado a sacrificar a própria felicidade (“*Eudaimonia*” de Aristóteles), pelo bem do Outro. Deus me vê no Rosto do Outro: lugar original da revelação. O Bem só aparece no movimento em direção ao Outro homem, como amor e responsabilidade por ele. Como diz EL:

A ligação com o Outro é ligação com a sua Transcendência... introduz em mim o que não estava em mim... a ideia de infinito em mim, que implica conteúdo que transborda o continente... implanta a ética. O Outro não é para a razão um escândalo, mas o primeiro ensinamento (TI 198-199).

2.5 OLHAR, PRESENÇA, ROSTO

Para EL, o outro é olhar com luz. Seu olhar põe fim à minha solidão. A face humana é também o lugar para o olhar de Deus, que me vê no rosto do outro, como já afirmamos antes. O olhar humano tem uma imensidão e uma altura sublimes. Vem do além e me atinge diretamente. O olhar fala. Junto com a palavra oral e a imediatez do Outro, rompe o meu mundo solitário e silencioso. É invocação, convocação, exigência.

A presença do Outro é sua visita. Ele é estranho; um estrangeiro que bate à minha porta. Vem humilde, tímido e sem poder. Não reclama. Agradece por tudo.

Inquietante liberdade de miséria e liberdade, súplica e pudor, vergonha e dignidade, impotência e poder no Outro que me visita. A impotência do outro relaciona-se à ontologia, onde o outro é nada. E o poder do outro relaciona-se à ética como bondade. (HM 203)

Ele é indomável e não se deixa possuir. Heidegger, ao tentar tirar o SER do esquecimento, acabou por esquecer do Outro. Essa é a maior brutalidade do seu pensamento filosófico. O esquecimento e desaparecimento do Outro, raiz da solidão, é a maior crítica que EL faz ao seu antigo mestre e ídolo. O SER é o Mesmo, o eu. O Outro é o bem, (eleidade). A filosofia ocidental segue o caminho de Ulisses, Narciso, prometeu (amor a sabedoria). EL segue o caminho de Abraão, nosso proto-pai. Em fé abraâmica segue o caminho do Êxodo e nomadismo (sabedoria do amor: Jerusalém). Primazia da ética, e não da ontologia, primazia do amor como responsabilidade pelo Outro... sabedoria de Atenas a partir de Jerusalém⁹.

Resumindo: Conforme a sabedoria judaica, o BEM é o Outro: o pobre, o órfão, a viúva e o estrangeiro, o quaternário bíblico. Não são iguais a mim. Eles vêm de fora de além do SER. Por isso o Outro é desigual, inapropriável, incompreensível, intocável, inconveniente, inefável (HM 200ss). O Outro vem desde “o bem-para-além-do-SER” (Platão). O Outro passa pelo SER e deixa um traço, um vestígio e um mandamento. Ele é a revelação, epifania. Eu sou invadido pelo desejo do Outro. Para ele eu devo ser Messias: responsável por tudo, por nada, por Deus. Voltado para o Outro, no face-a-face: ser-para-o-Outro, um-para-o-Outro; ser-para-todos.

⁹ Sabedoria de Amar, p.16

CONCLUSÃO

Vimos no percurso feito até aqui que Levinas corrigiu toda filosofia ocidental, montada sobre a ideia do SER, com a sabedoria judaica montada sobre a ideia do BEM. O BEM é o Outro, o próximo, o primeiro que se aproxima de mim. Em categorias bíblicas é o pobre, o órfão a viúva e o estrangeiro. Na “epi” -fania” do Rosto destes preferidos por Deus, EL descobre traços, vestígios e marcas do infinito.

Vimos que toda filosofia ocidental está sob a ontologia do Mesmo, cujos modelos são Ulisses, Narciso e Prometeu. É a supremacia da substância, o primado do Mesmo, do eu, “egologia”. As políticas do Mesmo: xenofobia, racismo, o totalitarismo da família, igreja, exército, estado e universidade. Eles perderam a legitimidade, por serem geradores de vítimas, numa lógica sacrificial e marginalizante.

EL, seguindo a sabedoria judaica na Torá, no Talmud, e nos profetas bíblicos, reconhece com justiça os marginalizados como os privilegiados de Deus. Estes já não têm mais nada que os prendam a este mundo, pois chegaram ao limite da fragilidade humana. São as vítimas da história, através das quais Deus nos dirige Sua palavra. EL leva em conta as citadas vítimas, e não os verdugos, os tiranos opressores: Hitler e seus seguidores, como Somoza, Pinochet, Bush (pai e filho), Reagan, Trump, Bolsonaro. Todos estes foram ungidos pelo demônio “para espalhar a maldade, a mentira e a violência no mundo” (Ernesto Cardenal).

O próprio EL foi vítima da discriminação dos nazistas contra si mesmo e contra o seu povo judeu. Por isso buscou romper com a lógica da reciprocidade violenta, da luta fratricida entre Caim e Abel. Preferiu morrer a ceder à lógica da violência recíproca, como fizeram os mártires. Na sua ética da alteridade, EL dialoga com mansidão e respeito com a grande tradição filosófica e teológica, atualizando a linguagem ética para nossos dias, anunciando um novo mundo possível. EL propõe o desmoronamento de todo sistema de totalidade (filosofia do SER), que provoca vítima e exclusão. A sabedoria judaica, na qual é impossível separar Deus e o próximo, culto e compaixão, inspirou sua ética da alteridade.

A sabedoria judaica nunca esqueceu o próximo, que os profetas bíblicos sempre defenderam, acusando os governantes como causadores das desgraças do país e propondo que eles transformem os instrumentos de guerras em instrumentos de floração da vida para que haja justiça e paz. Sabedoria de amar e sabedoria da paz como corretivo para a loucura da guerra, da injustiça, e da devastação da Nossa Casa Comum. Precisamos voltar a esta sabedoria judaica, se quisermos que o nosso planeta terra possa sobreviver. A agressão ao próximo contamina a terra inteira, pervertendo as relações humanas. Só a ética da alteridade, na epifania do Rosto do Outro, que inspira cuidado e responsabilidade, pode criar um outro mundo possível.

Concluimos que EL é o filósofo para os próximos mil anos, pois sua ética busca humanizar as relações, mais do que no amor a sabedoria (= filosofia), na sabedoria do amor (= ética).

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, M. C. **O Deus escondido da pós-modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- BONDER, N. **Sobre Deus e o sempre**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- CARDENAL, E. **Cântico cósmico**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARRARA, O. V. **Lévinas: do sujeito ético ao sujeito político**. Elementos para pensar o político outramente. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.
- COSTA, M. L. **Levinas: uma introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DOSTOIEVSKI, F. **Os irmãos Karamázov**. São Paulo: R. Toledo, 1995.
- HUTCHENS, B. C. **Compreender Levinas**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LÉVINAS, E. **De Deus que vem à ideia**. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2012. v. 32009.
- LEVINAS, E. **Quatro leituras talmúdicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. 3. ed. Lisboa: Biblioteca de Filosofia, 1988.
- LÉVINAS, E. **Totalidade e infinito**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2008b.
- LEVINAS, E.; PIVATTO, P. S. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOBO, R. H. **Da existência ao infinito: ensaios sobre Emmanuel Lévinas**. Rio: Loyola, 2006.
- MENDOZA-ÁLVAREZ, C. **O Deus escondido da pós-modernidade: desejo, memória e imaginação escatológica: ensaio de teologia fundamental pós-moderna**. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: Realizações, 2011. (Biblioteca René Girard).
- RIBEIRO, N. J. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Levinas**. São Paulo: Loyola, 2005. v. 1.
- RICOEUR, P. **Outramente**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SUSIN, L. C. **Las ínsulas extrañas: memórias 2**. Madrid: Trotta, 2002.
- SUSIN, L. C. **O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SUSIN, L. C. **Sabedoria da paz: ética e teo-lógica em Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2008.
- SUSIN, L. C. **Vida perdida: memórias 1**. Madrid: Trotta, 2005.